

## Abril Despedaçado

é mais outro deslocamento inútil dos personagens de Salles

por Cléber Eduardo



No amplo território da indústria da cultura, ou cultura da indústria, paira uma névoa sobre o conceito de autor. Quando boa parte das produções independentes também é concebida de olho no mercado dos “filmes de arte”, portanto com temas e embalagens de apelo para esse ni-

cho, diferenciar uma expressão pessoal de uma mercadoria com ares artísticos é cada vez mais difícil. Diante da confusão estabelecida entre criação e comércio, talvez seja melhor ater-se às obras e não a seus objetivos comerciais, mesmo se estes interferem na elaboração daquelas. Ao se observar a filmografia de Walter Salles, por exemplo, percebe-se alguns traços temáticos recorrentes que, intencionais ou sintomáticos, dão ao conjunto de seus trabalhos certa unidade. E isso independe da qualidade de cada um e das piscadas para o mercado.

*Abril Despedaçado* trata, em última instância, da cultura da violência. Duas famílias vivem em um toma lá dá cá por razões já nem levadas mais em conta. Cada baixa de um lado corresponde a uma baixa do outro. A própria violência é causa e consequência de si mesma. Não importa o processo histórico ou o contexto social. As razões mais amplas das mortes não são mais fortes que o aprisionamento à tradição do banho de sangue. Nesse ambiente arcaico, há uma figura desajustada. É o personagem de Rodrigo Santoro. Embora não concorde com o ciclo contínuo de assassinatos, é enredado pelas circunstâncias a fazer parte dele. Santoro sente-se um estrangeiro e impotente naquele universo hostil. Terá de sofrer um trauma para tomar uma atitude. Chegamos então a um elemento familiar na carreira do diretor. A fuga como movimento libertário e solução individual para se escapar de uma opressão mais ampla. Sempre a partir de uma perda.

Há uma tendência de parte da crítica brasileira, em parte pelas próprias referências e homenagens de Walter Salles em *Central do Brasil* e *Abril Despedaçado*, a tratar o diretor como herdeiro do Cinema Novo. É uma visão, no mínimo, questionável. O fato dos dois filmes serem ambientados no sertão, parcialmente no caso de *Central*, e inte-

gralmente no de *Abril*, empurram as análises para essa vinculação cinemanovista. Aproximemos o deslocamento físico de *Abril* do de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, citado em alguns comentários sobre o filme, em especial pela caminhada/corrida rumo ao mar, algo que acontece em ambos. No filme de Glauber, também há uma fuga e uma busca, mas coladas em um processo social. A ação dos personagens está em sintonia com o meio por onde passam. Eles não reagem apenas depois de uma perda, mas como forma de não serem reduzidos a nada. E essa reação é fruto de condições específicas, maiores que eles, portanto resultado de um contexto sócio-político, de miséria e abandono. A violência é efeito do desespero. Não existe em si. E o deslocamento é gerado por falta de opção. Não se trata de um estado de espírito como em momentos de Walter Salles.

*A Grande Arte* já anunciava esse deslocamento físico e existencial. O fotógrafo americano sofre um choque a partir da morte de uma jovem e, saindo da condição de observador da violência por meio de sua câmera, reproduz a mesma violência por ele retratada com o filtro da lente. Esse personagem estrangeiro, deslocado no contexto sócio-cultural da marginalidade carioca, terá de agir sobre a realidade. Buscará vingar-se da degradação da beleza, representada pela moça assassinada. Uma solução externa para um microcosmo também desvinculado de qualquer contexto social para as ações dos personagens. Resolvida sua questão pessoal, pois no fundo se trata de uma atitude terapêutica, parte para o deserto na África. Um não-lugar. O protagonista, afinal, é um estrangeiro. Não importa onde esteja. Seu destino é o deslocamento. Será incapaz de encontrar um porto onde jogar sua âncora porque este lugar certamente não existe no mundo. Vive como o narrador do poema *Opiário*, poema de Alvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa: “Não posso estar em parte alguma. A minha pátria é onde não estou. Sou doente e fraco”.

Em *Terra Estrangeira*, o título diz tudo. O jovem protagonista já é um estrangeiro em seu país, o Brasil da posse de Collor, quando a perda da mãe o leva a cair fora.

Mais um trauma mobilizador de um deslocamento. O rapaz está atrás de suas raízes, na Europa, mas também lá se sentirá um deslocado. Vaga em busca de sua identidade, mas não o faz de forma consciente. Está perdido e ao sabor do vento. Em qualquer lugar, se sentirá de fora. No filme seguinte, *Central do Brasil*, a situação se repete. No entanto, com variantes. Também há uma perda – para o menino nordestino, deslocado no Rio, sua terra estrangeira – e uma busca pela raiz. A escritora de cartas que o leva de volta ao Nordeste, onde tenta encontrar seu pai, também se sente desconfortável em seu ninho tão degradado. Por uma ação intempestiva, ela tem de fugir dali. Ao contrário do trabalho anterior, a jornada dos personagens é consciente. Eles têm metas claras e, ao final, parecem se encontrar. O deslocamento é circunstancial, não mais estado de espírito.

Aparentemente, *O Primeiro Dia* é, dentro dessa recorrência temática, um filme diferente. Mas só aparentemente. Temos outra perda – a do parceiro de Fernanda Torres, que desaparece no último dia do ano – e mais deslocamentos. O dela é existencial. Perde o rumo com o abandono. O do personagem masculino, interpretado por Luiz Carlos Vasconcelos, é um tanto mais abrangente. Em primeiro lugar, é de condição de vida: foge da prisão. Em segundo, de natureza social: entra no prédio de classe média da personagem de Fernanda Torres. O encontro entre os dois não poderá ser prolongado, pois um é estrangeiro ao outro, partes de mundos que não se comunicam, embora vivam em espaços vizinhos, ao menos geograficamente. Nem o amor, ainda que fugidivo, poderá redimi-los. Não estamos diante daqueles tipos que partem como o dos outros filmes. Eles apenas ficam imolizados ou impossibilitados de agir. Ao contrário de *A Grande Arte* e *Terra Estrangeira*, onde se vaga, e de *Central do Brasil* e *Abril Despedaçado*, onde se encontra um eixo (geográfico ou espiritual), *O Primeiro Dia* dá com um beco sem saída. Talvez seja por isso que, ao contrário de *Central* e *Abril*, esquemáticos em sua solução redentora, encontre a essência do deslocamento. Que é mais o forte em quem fica do que em quem parte.